

ESTUDO SOBRE SIMBOLOGIA MAÇÔNICA NAS LOGOTIPIAS DE DOCUMENTOS DO MUSEU MAÇÔNICO ROCCO FELIPPE

Márcio Dillmann de Carvalho - Mestrando em História / UFPel
marciomdc@yahoo.com.br

Larissa Patron Chaves – Prof^a. Dr^a. Unisinos/UFpel
larissapatron@gmail.com

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo evidenciar a questão simbólica e iconográfica encontradas no processo de pesquisa da dissertação de Mestrado em História, pela Ufpel- Universidade Federal de Pelotas, intitulada: As Sociedades Teosóficas e a Maçonaria Mista em Pelotas – Sociedade, crença e poder no extremo sul do Brasil (1902-1939) onde são analisadas duas instituições que existiram por curto intervalo de tempo na cidade de Pelotas-RS. O estudo apresentado tem como objetivo analisar e contextualizar a diversidade simbólica encontrada nas logotípias e timbres oriundos de ofícios e correspondências de várias Lojas Maçônicas brasileiras que fazem parte do acervo documental do Museu Maçônico Rocco .

Palavra chave: Maçonaria, símbolo e emblemas.

INTRODUÇÃO

Em meio a processo de busca por fontes para uma pesquisa, muitas vezes nos deparamos com documentos ou itens que chamam a atenção pelas suas características e peculiaridades, e por estas razões entusiasmam o aprofundamento do assunto de que elas fazem parte. É o que ocorreu na pesquisa da dissertação do curso de mestrado em

História pela Universidade Federal de Pelotas intitulado: As Sociedades Teosóficas e a Maçonaria Mista em Pelotas – Sociedade, crença e poder no extremo sul do Brasil (1902-1939), onde são analisadas instituições que existiram por curto intervalo de tempo na cidade, uma de cunho teosófico e outra maçônica.

Para este trabalho, a grande maioria das fontes faz parte do acervo do Museu Maçônico Rocco Felipe¹. O museu Rocco Felipe está localizado nas dependências da Loja Maçônica Fraternidade Nº 3, em prédio situado à Rua Andrade Neves 2202, que consta em zona de preservação do Patrimônio Cultural de Pelotas. O Museu retém em seu acervo uma boa parcela da história da maçonaria pelotense.

Em Pelotas, a presença da Maçonaria tem início em 1843, com a criação da Loja Maçônica Protetora da Orfandade e em 1915 ocorre a união de três Lojas da região, "Honra e Humanidade", "Rio Branco" e "Lealdade", denominando-se Lojas Unidas Honra e Humanidade, Rio Branco e Lealdade, que em 1923 torna-se a Loja fraternidade, onde se encontra hoje o Museu Rocco Felipe.(CARVALHO, 2011,p. 13)

Em meio de pinturas, reproduções fotográficas, medalhas e itens da prática maçônica, revela-se um grande acervo documental e nele encontramos arquivados em várias pastas, ofícios referentes às correspondências recebidas de diversas instituições, principalmente lojas maçônicas do Brasil e exterior.

Na forma de fac-símiles, sua maioria destina-se a informar as demais instituições maçônicas a relação dos membros escolhidos para administrarem tais instituições naquele ano vigente. Dentre quase duas centenas de documentos, chama a atenção a grande variação de aspectos iconográficos e simbólicos das logotípias destas lojas, representações que caracterizam e demonstram a escolha e reconhecimento através dos símbolos.

O escritor e filósofo Umberto Eco em sua obra - *Semiótica e Filosofia da Linguagem*², tenta resumir e conceituar de maneira mais simples as ideias relativas aos

¹ O Museu Maçônico Rocco Felipe faz parte da Loja Maçônica Fraternidade Nº 3, no município de Pelotas-RS. No documento referente ao museu - Ato nº 02/96, datado do dia 20 de abril de 1996, O Sr. José Ananias Silveira do Amaral, Venerável Mestre na ocasião, determinava que o museu da Loja Fraternidade Nº3, a partir daquele momento se denominaria Museu Rocco Felipe, em homenagem ao comerciante Italiano nascido em 1876, iniciado na Maçonaria no Rio de Janeiro, na Loja Capitular Salomão, e que foi o primeiro Venerável Mestre da Loja Fraternidade Nº 3, em 1923. (CARVALHO, 2011)

² *Semiótica e Filosofia da Linguagem*- Humberto Eco -1991.

signos e símbolos, descrevendo os emblemas como “*figuras a que associamos conceitos, como exemplo: cruz → cristianismo*” .

São esses emblemas que através da sua simbologia, reafirmam a representação das crenças e lançam a aqueles que conhecem seus significados, um sentimento de pertencimento, afirmação e de unidade. Aqui iremos fazer algumas leituras baseadas em autores da iconografia e simbologia, tentando demonstrar as afinidades e ressignificações utilizadas pelas instituições maçônicas. Sendo que a utilização da simbologia é uma forma de transmissão do conhecimento na maçonaria. (MACNULTY, 2007)

As mais visíveis representações deste acervo são referenciadas pelas origens míticas que vão de sua correlação com a engenharia, construção e arquitetura, visualizadas em seus símbolos nas colunas, capteis clássicos e ferramentas do labor da construção até a relação com as tradições cabalísticas, helenísticas, cristãs e judaicas, podendo chegar às relações com a ordem cristã dos Cavaleiros Templários, os mistérios da civilização egípcia e as lendas bíblicas da construção do Templo de Salomão, atribuída ao arquiteto e mestre Hiran Abiff.

Os principais e mais utilizados símbolos são o compasso, que é visto como instrumento de inteligência que planeja e projeta, é símbolo da força criadora, da prudência, justiça e verdade, e o esquadro, que é símbolo de retidão, caráter, franqueza e legitimidade. A estes a letra “G”, que pode ser relacionada à palavra “gnose-conhecimento”, em conjunto com o compasso e o esquadro, pode-se descrever como o Grande Arquiteto ou simplesmente “Geometria”. Além disso, os símbolos são envoltos a folhas ou flores da acácia, que é símbolo da imutabilidade, pureza, imortalidade e iniciação. (PUSCH, 1982)



Imagem 1 : Logotipos maçônicos.

Fonte: Museu Maçônico Rocco Felipe.

Estas representações estão ligadas às origens míticas, na qual uma delas descreveria os primeiros maçons e de que estes estariam na Idade Média nas corporações de pedreiros e artesãos, sua “Loja” seriam barracões em canteiros de obras, mutualmente se reconheceriam por palavras de passe e desta forma: “*A atual maçonaria especulativa deriva a maior parte de seus símbolos da arte operativa.*” (MACNULTY, 2007, p. 61).

Deparamo-nos com outro símbolo, denominado como: O Olho da Providência, Olho de Deus, Olho Onividente ou Olho que tudo vê. Sua representação e significado são variados, sozinho simboliza a onipresença e onisciência de Deus, que cuida de todas as coisas, representação do início da cultura pré-cristã. Historicamente sua utilização nem sempre era bem vinda, esta foi evitada por causa da associação com o Olho do Mal, que era uma superstição generalizada e antiga na Europa. (BEKER, 1999)

Nos exemplos posteriores da arte cristã, o olho foi retratado em um triângulo com raios de luz para representar a santidade infinita da Trindade. Na bíblia podemos relacionar aos Salmos: 33:18 -” *Mas os olhos do Senhor estarão sobre os que temem, sobre os que esperam na sua misericórdia.*”; 34:15 “*Os olhos do Senhor estão sobre os justos.*”; e provérbios 15:03 “*Os olhos do Senhor estão em todo lugar.*” A primeira

referência Maçônica oficial ao Olho está em *O Monitoramento Maçônico*³, escrito por Thomas Smith Webb⁴ em 1797.

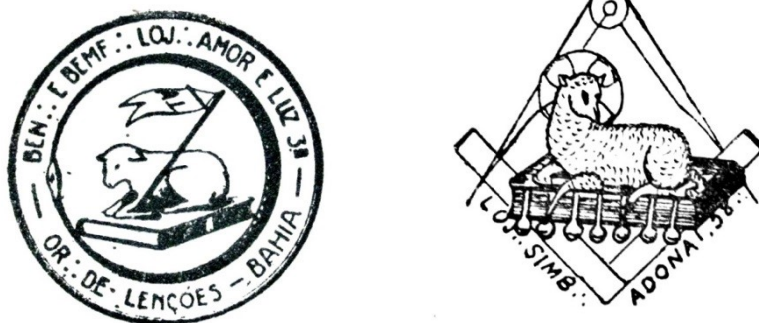


Imagem 2 : Logotipos maçônicos.

Fonte: Museu Maçônico Rocco Felipe

Aqui são utilizados símbolos bem comuns aos cristãos, o Agnus Dei- Cordeiro de Deus. O cordeiro por causa de sua simplicidade e pureza é símbolo da mansidão, inocência e pureza, símbolo de Cristo e de sua morte sacrificial (BECKER, 1999). Em conjunto, vemos o livro ou a bíblia, que representa a palavra, em relação à cristandade, a palavra de Deus. Já a bandeira e símbolo de poder, nacionalidade ou do pertencimento a algum grupo, juntamente com o cordeiro na simbologia cristã é o próprio cristo. O cordeiro leva a bandeira como sinal da ressurreição e a vitória sobre os poderes das trevas. Os sete selos, podem sugerir os sete selos do apocalipse ou também as sete virtudes cardeais.

³ The Freemason's Monitor .(WEBB, 1865, p.86)

⁴ Foi comerciante e escritor, iniciado em 17 de dezembro de 1790 na Loja Rising Sun, em New Hampshire. Tornou se Venerável Mestre da Loja de Albany e Grão Mestre em 1813 e 1814 na Grande Loja de Rhode Island. Denominado o pai do Rito de York.



Imagem 3 : Logotipos maçônicos.

Fonte: Museu Maçônico Rocco Felipe

Novamente aqui vemos o livro, que como anteriormente descrito, também é símbolo de sabedoria, conhecimento e totalidade do universo, mas diferentemente do anterior este está aberto, que demonstra que a palavra está à disposição de todos, sem segredos, já fechado pode significar possibilidades ainda não realizadas e o mistério. (BECKER, 1999).

Para a maçonaria este é chamado de Livro da Lei, tanto que um dos logos recebe a palavra em latim – LEX- lei. Em vários ritos maçônicos, o momento de abertura dos trabalhos está relacionado com a abertura de um livro, este que pode ser a bíblia, alcorão etc., com este ato os trabalhos iniciam, assim como se encerram com o fechamento do livro. (PUSCH, 1982)

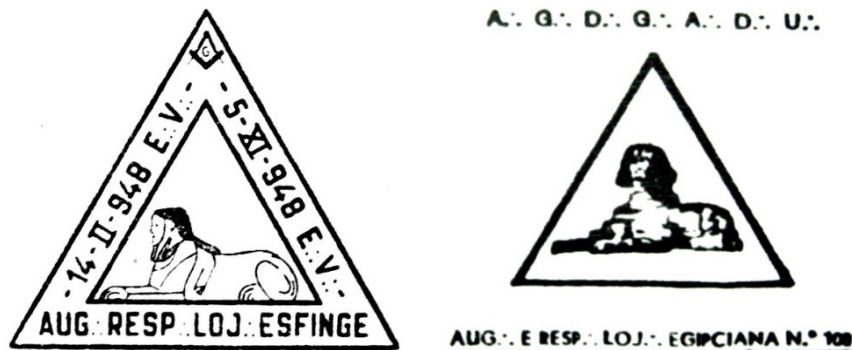


Imagem 4: Logotipos maçônicos.

Fonte: Museu Maçônico Rocco Felipe.

O triângulo também é um símbolo recorrente, na antiguidade era símbolo da luz, símbolo de Deus, harmonia e perfeição, no cristianismo é símbolo da trindade, em outras crenças: força, beleza e sabedoria, ou os três graus do desenvolvimento: nascimento, maturidade e morte. No centro do triângulo está um ser híbrido, a esfinge, símbolo de soberania, para os egípcios representava o faraó ou o Deus Sol como força protetora e poderosa, para os gregos ela era alada e representava a crueldade, o enigma. (BECKER, 1999)

Pelo lado da maçonaria, sabemos que os vínculos míticos com antigos construtores, são levados pelos: “*historiadores comprometidos ou engajados*”⁵, a uma possível relação com a construção das pirâmides, seu vínculo torna-se forte quando em 1786 foi criado em Lion na França um rito de adoção⁶, denominado Rito Egípcio, a partir deste momento, em algumas lojas maçônicas tornam-se comuns símbolos e adornos que remetem à esta cultura.



Imagem 5 : Logotipos maçônicos.

Fonte: Museu Maçônico Rocco Felipe.

⁵ Eliana L. Colussi faz um estudo das fontes advindas dos historiadores, sejam eles comprometidos ou engajados com a maçonaria (ou antimaçônica) ou descomprometida, tradicional e acadêmica. (COLUSSI, 2003, p.53)

⁶ Rito de adoção ou Comaçonaria: Ordem maçônica Internacional que congrega homens e mulheres, embora adote todo sistema maçônico, não é reconhecida como regular pela grande maioria das potencias. (PUSCH, 1982, p.102)

O Pelicano é a representação da expiação de Jesus, através da lenda que na falta de alimento a mãe pelicano rasga o peito e dá o próprio sangue aos filhotes, é símbolo do amor paterno e materno, na linguagem simbólica filosfal, a ave era a imagem da pedra filosofal, que se transforma ou se dissolve em outro elemento (BECKER, 1999). O pelicano foi encontrado em relevos na Catedral de Munster na Alemanha datado de 1235, também foi representado no século XVII nos emblemas da obra *Ars Symbolica* de Bosch⁷. (CIRLOT, 2001)

A rosa que também é representada no trabalho de Bosch, é um símbolo de regeneração, por suas cores e pétalas podem ter vários significados, o vermelho: amor e paixão, também o sangue derramado e as chagas de Cristo, conjuntamente com a cruz tem como significado no cristianismo antigo como símbolo de discrição. (BECKER, 1999)

O Leão, rei dos animais, símbolo solar por causa da força, poder e justiça, por isso frequentemente representado em tronos de palácios reais, é um símbolo de cristo. (CLEMENT, 1895) Na bíblia a relação positiva e negativa deste símbolo de ressurreição de Cristo também está relacionada à ameaça. (BECKER, 1999)



Imagem 6 : Logotipos maçônicos.

Fonte : Museu Maçônico Rocco Felipe.

Novamente vemos aqui em dois logos uma grande quantidade de símbolos reunidos, o coração que no judaísmo e cristianismo é o amor, intuição e sabedoria e no islamismo é lugar de contemplação e espiritualidade. As mãos tem um grande

⁷ Jacob Bosch- Jesuíta Húngaro (1652 – 1704)

significado, mas a união de duas significa auxílio, mutualidade, não esquecendo que na maçonaria existe o reconhecimento de membros através do aperto de mão. A balança é o equilíbrio, justiça e julgamento. No Egito, tanto a balança como o coração são representados quando Hórus e Anúbis pesam o coração dos mortos diante de Osíris com uma pluma-pena, não distante no cristianismo, o arcanjo Miguel pesando as almas no momento do juízo final.

A corrente é um símbolo da união, relações entre o céu e a terra, para os neoplatônicos era visto como a ligação do homem a Deus. No cristianismo é comumente retratado em obras artísticas com o mal no caso satanás, sendo acorrentado pelo bem, representado por anjos ou o próprio Cristo. A corrente rompida é símbolo da morte, representado principalmente em túmulos, da mesma forma a âncora quebrada, a tocha invertida e para a maçonaria a coluna quebrada.



Imagem 7 : Logotipos maçônicos.

Fonte: Museu Maçônico Rocco Felipe.

A utilização destes símbolos reporta outra relação da maçonaria, esta que diz respeito à construção do templo de Salomão, sua história é uma mistura de lenda com fatos verídicos, sendo possível ver em dois textos bíblicos: II Crônicas, 10; Reis I, 7:13. Descreve a história onde seu mestre Hiran Abiff, teria sido morto por três companheiros construtores, porque seria ele o único que conseguia decifrar as escrituras e segredos do Templo. (MACNULTLY, 2007)

O templo é representação do recinto sagrado, delimitado, casa de uma divindade, lugar culto consagrado. (BECKER, 1999) A coluna é o símbolo da união entre o céu e a terra, firmeza e força. Na bíblia, na entrada do pórtico do templo de Salomão havia duas colunas ricas em ornamentos, chamadas de *Iaquin e Booz*. (Reis 7:21). Na maçonaria ainda vemos as colunas dórica, jônica e coríntia, representando força, beleza e sabedoria. (PUSCH, 1982)

Na parte superior da coluna pode-se observar a romã, que assim como outros frutos com muitas sementes simboliza a fertilidade, na antiga Grécia era consagrada a Demeter, Afrodite e Hera, em Roma, mulheres recém-casadas portavam grinaldas de ramos de romãzeira e no judaísmo é símbolo de fidelidade à Torá, no cristianismo seu aroma e sementes eram interpretados como símbolo de beleza e das numerosas virtudes de Maria. Seu suco vermelho era ligado ao sangue dos mártires e sua casca dura e incomestível que no seu interior oculta uma doce fruta, era símbolo do cristão perfeito, especialmente do sacerdote. (BECKER, 1999) Para a maçonaria é o emblema da união solidária dos maçons da terra. (PUSCH, 1982)

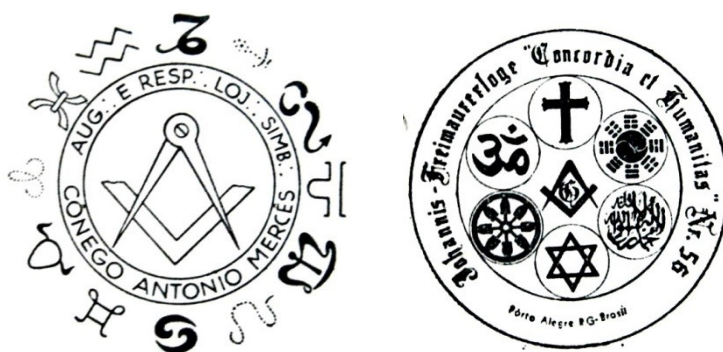


Imagem 8: Logotipos maçônicos.

Fonte: Museu Maçônico Rocco Felipe.

Aqui vemos um símbolo maçônico contornado pelos doze símbolos zodiacais, que são colocados em um templo maçônico nas suas devidas colunas, cada um deles está relacionado com uma característica do ideário maçônico.

O outro representa as principais religiões do mundo, o logo tem a cruz- Símbolo do Cristianismo; O símbolo do Taoísmo e Símbolo do Islamismo; A estrela de Davi, símbolo do Judaísmo; a Roda Dharmica ou Roda da Vida, símbolo do budismo e por fim o Om Sagrado, um importante mantra que representa o hinduísmo, tendo ao centro o símbolo da maçonaria, um compasso, esquadro e a letra G.

Além da realização de uma leitura em torno de alguns destes símbolos, é importante verificar com profundidade as origens e utilizações anteriores desta grande quantidade de símbolos representados nos logotipos maçônicos. Buscou-se compreender juntamente com autores que trabalham com iconografia e simbologia na história e na arte.

Inicialmente descrevemos a obra do historiador e arqueólogo francês Adolphe Napoleon Didron, que em seu livro *Christian Iconography* de 1886, traz em dois volumes uma descrição detalhada das características iconográficas no cristianismo, além de muitas reproduções de obras nas catedrais, igrejas e túmulos cristãos.

Destacados inicialmente os principais símbolos da prática maçônica: O compasso, esquadro e as ferramentas do artesãos em geral tão empregados pela origem mítica, que são originalmente utilizados e encontrados na antiga iconografia cristã como vemos abaixo.

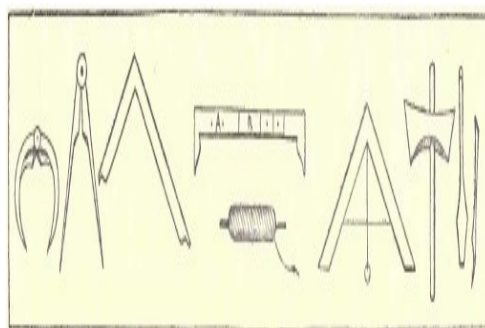
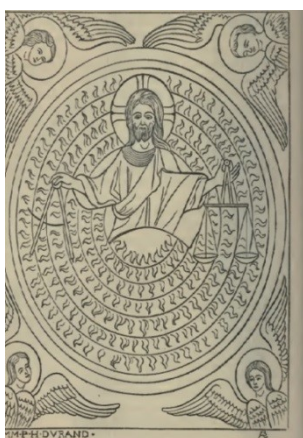


Imagem 9: O compasso e as ferramentas dos pedreiros e artesãos.

Fonte: Adolphe Napoleon Dridon -*Christian Iconography*.

Na obra também é descrita uma das representações cristãs mais significativas, como mostrado anteriormente, o Cordeiro de Deus, cuja representação é utilizada em logos maçônicos. Podemos ver da mesma forma a representação e utilização da corrente na iconografia cristã, uma evidenciada na luta do bem contra o mal.



Imagem 10 : A corrente e o Cordeiro de Deus.

Fonte: Adolphe Napoleon Dridon -Christian Iconography.

Outra utilização simbólica comum no cristianismo é o livro aberto, representando a bíblia, a palavra de Deus. Na obra de Dridon pode-se ver uma característica diferente, agora não no aspecto da assimilação ou reutilização dos símbolos cristãos pelos maçons, mas a influência e absorção da cultura greco-romana no cristianismo. Vê-se que a segunda representação é do X século na Grécia.

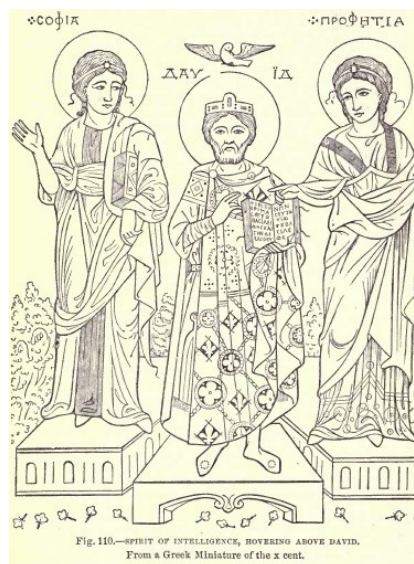


Imagem 11 : O livro aberto.

Fonte: Adolphe Napoleon Dridon -Christian Iconography.

Não distante desta assimilação cristã, alguns símbolos também remetem à antigas crenças e superstições, sendo o caso do pelicano que como símbolo cristão, também usado na maçonaria, e descrito em obras antigas é visto no *Physiologus*, texto escrito e compilado do grego, por autor desconhecido, teria sido escrito no segundo século depois de Cristo. Consiste de descrições onde aos símbolos são fornecidos, histórias, anedotas, quase sempre com conteúdo moral, são citados animais, pássaros, fantásticas criaturas e plantas, acompanhados de gravuras e desenhos.

O *Physiologus* foi o predecessor dos livros de animais na época medieval, chamados de bestiários, sendo influência da arte eclesiástica medieval, além do pelicano podemos encontrar a descrição conhecida de outro conhecido animal mítico, a Phoenix. (COOK, 1821) Outra representação é vista no *Arts Symbolica*, ou *Symbolographia de Arte*, de Jacob Bosch.



Imagem 12: Pieter Van Der Borcht-1577- Jacob Bosch – 1821.

Fonte: Symbolographia sive de arte symbolica – Physiologum.

CONCLUSÃO

A maçonaria independente de seus vínculos com o passado dos antigos construtores do final da Idade Média tem-se como fase inicial o século XVIII, mais corretamente no ano de 1717, quando é fundada na Inglaterra a Grande Loja de Londres, através da fusão de quatro lojas maçônicas, nesta fase diz-se a instituição deixa de ser *operativa*⁸, para tornar-se *especulativa*⁹, assim a grande maioria das assimilações tiveram origem posterior a esta data.

A maior parte dos símbolos utilizados pela maçonaria são aqueles diretamente relacionados com as suas várias origens míticas e de sua liturgia, esta que também faz parte das outras instituições, como no caso da lenda bíblica de Hiram Abiff, desta forma,

⁸ Maçonaria operativa: Período da história da maçonaria que antecede a maçonaria especulativa. Período de origens remotas e obscuras onde a maçonaria era composta essencialmente por artifices da construção. (PUSCH, 1982, p. 121)

⁹ Maçonaria especulativa: Período da história que se inicia a aceitação de membros estranhos a arte de construir nas confrarias maçônicas operativas. (PUSCH, 1982, p. 121)

apresenta-se a utilização ou assimilação de símbolos que historicamente fazem parte do universo iconográfico de outras instituições, religiosas ou não.

A Maçonaria é uma instituição essencialmente filosófica, não uma religião, aceita membros de todas as crenças, mas com certeza segundo MacNulty “ *Embora não seja uma religião, é certo que a maçonaria se vale da história e da filosofia religiosas*”.(MACNULTY,2007, p.101) Desta forma esta instituição que se caracteriza pela utilização de uma riquíssima variedade simbólica, adere e assimila várias iconografias, mesmo assim, seus processos de leitura também estão repletos de significados e interpretações.

REFERÊNCIAS:

BECKER, Udo. Dicionário de símbolos. Editora Paulos. 2º Edição, São Paulo, 1999.

BÍBLIA SAGRADA. Tradução dos originais grego, hebraico e aramaico mediante a versão dos Monges Beneditinos de Maredsous - Bélgica. Edição 195º. Ed. Ave-Maria. 2011. São Paulo.

BOSCHIUS, Jacobus: Symbolographia sive de arte symbolica sermones septem. - Augsburg u. Dillingen, 1702.

CARVALHO, Márcio Dillmann de. Além das colunas do templo: Um estudo do Museu Maçônico Rocco Felipe. 2011. 57f. Monografia, Bacharelado em Museologia, Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, RS.

CIRLOT, J. E. A Dictionary of Symbols. British Library Cataloguing in Publication .London. 1971.

COLUSSI, Eliane. Plantando Ramas de Acácia: A Maçonaria gaúcha na segunda metade do século XIX. 1998. 489p. Tese (Doutorado em História)- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

COOK, Albert Stanburrough. The Old English Physiologus. London. Humphrey Milford. 1821.

CLEMENT, Clara Erskine . Christian Symbols and Story of Saints. Houghton, Mifflin and Company. Boston e New York.1895.

DIDRON, Adolphe Napoleon. Christian Iconography. George Bell and Sons. Vol. I. London,1886.

_____, Christian Iconography. George Bell and Sons. Vol. II. London,1886.

ECO, Umberto. Semiótica e filosofia da linguagem. Série fundamentos. Nº 64. São Paulo. Ed. Ática, 1991. 304 p.

JAPIASSU Hilton, MARCONDES Danilo, 1996, Dicionário básico da filosofia 3º Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1996.

HEINDEL, Max. Freemasonry and Catholicism. The Rosicrucian Fellowship , California –USA. 2011.

MACNULTY, W. Kirk. A Maçonaria: símbolos, segredos e significados. Ed. Martins Fontes. S. Paulo, 2007.

MACKEY, Albert. Symbolism of Freemasonry. Clark and Maynard, New York, 1882.

MALE, Emile, Religious Art in France – XIII Century. J. M. Dent & Sons, Ltd. London. 1913.

OSÓRIO, Fernando. A Cidade de Pelotas. Pelotas: Ed. Armazém Literário, 1998.

PUSCH, Jaime. ABC do aprendiz. Edição do autor, 2º edição, Tubarão. SC. 1982.

Special Collections McPherson Library - Sancti Epiphanii ad Physiologum Disponível em: <http://spcoll.library.uvic.ca/Digit/physiologum/facsimile/small/img25.jpg> Acessado em 17 de outubro de 2015.

WEBB, Thomas Smith .Webb's Freemason's Monitor-Including the first three degrees. Compiled by James Fenton, P.M.. Editon 1865. Disponível em :<
http://www.pagrandlodge.org/district37/D37_Pdfs/FreemasonsMonitor_byThomasWebb.PDF> Acessado em 9 de novembro de 2015.